

MASTERS & JOHNSON

O RELACIONAMENTO
AMOROSO

*Segredos do Amor e da
Intimidade Sexual*

Tradução de
HELOISA GONÇALVES BARBOSA
CARLOS DAVID DE OLIVEIRA SOARES
SONIA LEVI CARNEIRO
PAULA MARIA ROSAS



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

CAPÍTULO UM

Perspectivas da Sexualidade

Todo indivíduo possui sentimentos, atitudes e crenças sexuais, mas a maneira como cada um vivencia sua sexualidade é única, pois decorre de uma perspectiva intensamente própria, que advém tanto das sensações e percepções pessoais, particulares, como de fontes sociais ou coletivas: é impossível compreender a sexualidade humana sem admitir sua natureza multidimensional.

Desde os tempos mais remotos até o presente, a sexualidade tem exercido grande fascínio sobre pessoas de todas as camadas sociais. Na arte e na literatura, o sexo é um tema constante. Caracteristicamente, as religiões, filosofias e sistemas legais, preocupados em moldar o comportamento humano, tentam estabelecer valores e tabus sexuais. Através da história, as doenças, a criatividade, a agressão, os distúrbios emocionais ou a ascensão e queda das civilizações são “explicados” como sendo resultado de sexo de mais ou de menos ou de práticas e idéias sexuais incomuns.

Tendo em mente as fontes pessoais, coletivas e históricas de nossa herança sexual, é possível ampliar e aprofundar nossos conhecimentos da sexualidade estudando-a a partir de uma perspectiva biológica, psicossocial, comportamental, clínica ou cultural. No entanto, ao examinar a sexualidade sob esses vários enfoques, é preciso ter cuidado para não esquecer que aprender sobre ela, em todas as suas formas, significa, na verdade, adquirir conhecimentos sobre as pessoas e sobre a complexidade da natureza humana.

A obtenção de informações precisas sobre a sexualidade pode ajudar-nos a evitar problemas sexuais e a dar uma melhor educação sexual a nossos filhos. O fato de estarmos bem informados sobre sexo pode também ajudar-nos a lidar de modo mais eficaz com certos tipos de problemas que podem ocorrer, por exemplo: infertilidade, disfunções sexuais, doenças sexualmente transmissíveis ou agressões

sexuais. E o que é mais importante, o estudo da sexualidade pode tornar-nos mais sensíveis e atentos em nossas relações interpessoais, contribuindo para o desenvolvimento da vida íntima e da satisfação sexual.

Infelizmente, também é verdade que esses resultados não são automáticos. Não se pode garantir que um estudo metucioso deste texto facilite encontrar (ou manter) parceiros sexuais, nem que trará a realização sexual. Ao contrário, acreditamos que um aprendizado objetivo sobre a sexualidade permitirá que nossos leitores analisem importantes questões relativas ao sexo — algumas profundamente individuais, outras pertinentes à sociedade e ainda outras de cunho moral — e assim adquiram uma compreensão maior de si mesmos e dos outros. Acreditamos também que o conhecimento de assuntos sexuais pode dar origem a um comportamento sexual interpessoal ponderado e responsável, podendo auxiliar na tomada de importantes decisões pessoais concernentes ao sexo. Em suma, adquirir conhecimentos sobre a sexualidade é uma inestimável preparação para a vida.

DIMENSÕES DA SEXUALIDADE: ALGUMAS DEFINIÇÕES

Certamente pensaríamos que não pode haver dúvida quanto ao que se deve entender pelo termo "sexual". Em primeiro lugar, naturalmente, significa o que é "impróprio", aquilo que não deve ser mencionado. (Freud, 1943, p. 266)

Para os primitivos habitantes das ilhas dos Mares do Sul, o sexo não é apenas um ato de interação fisiológica, do mesmo modo que não é para nós: implica amar e fazer amor; torna-se o núcleo de instituições tão veneráveis como o casamento e a família; permeia a arte e produz seu encanto e sua magia. De fato, domina quase todos os aspectos da cultura. O sexo, em sua mais ampla acepção. . . ao contrário, constitui mais uma força sociológica e cultural do que uma simples relação física entre dois indivíduos. (Malinowski, 1929, p. xxiii)

"Francie, sua piranha", costumava eu dizer, "você é tão moralista quanto uma freira". "Mas você gosta de mim, não gosta?" respondia ela. "Os homens gostam de trepar e as mulheres também. O sexo não prejudica ninguém e não quer dizer que a gente precisa amar todo mundo com quem trepa, não é?" (Miller, 1961, p. 262)

O que é a sexualidade? Como mostram as citações acima, não existe

uma resposta simples para essa pergunta. Freud considerava o sexo como uma poderosa força psicológica e biológica, enquanto Malinowski enfatizava suas dimensões sociológicas e culturais. Henry Miller utilizava um franco retrato do sexo em seus romances como meio de fazer declarações filosóficas sobre a condição humana. Na vida cotidiana, a palavra "sexo" é muitas vezes usada com referência ao sexo biológico (masculino ou feminino) ou com referência a atividades físicas que envolvem os órgãos genitais ("fazer sexo"). A palavra "sexualidade" geralmente tem sentido mais amplo, uma vez que se refere a todos os fenômenos da vida sexual. A sexualidade constitui uma das dimensões do indivíduo: não se refere apenas a seu potencial para reagir a estímulos eróticos.

Infelizmente, o vocabulário relativo ao sexo e à sexualidade é muito limitado.¹ É possível fazer a distinção entre atos sexuais (tais como masturbação, beijo ou relações sexuais) e comportamento sexual (que inclui não só atividades específicas, mas também o flerte, certas maneiras de vestir, a leitura de revistas como *Playboy*, ou sair com uma pessoa do sexo oposto) antes de termos sequer transposto o limiar da sexualidade. Podemos descrever os vários tipos de relação sexual como procriadora (para ter filhos), recreativa (para divertimento, sem outra meta), ou relacional (para partilhar com uma pessoa querida) e descobrir que essas categorias ainda estão aquém do necessário. Embora não nos seja possível, nesse capítulo, responder integralmente à pergunta "o que é sexualidade?", podemos apresentar sucintamente o tema desse livro, que é as dimensões da sexualidade.

O PERFIL DE UM CASO

David e Lynn aguardavam ansiosos na sala de espera da clínica de terapia sexual. Embora constrangidos e inseguros, estavam determinados a buscar uma solução para os problemas sexuais que, havia três meses, perturbavam seu relacionamento. Embora vivessem juntos havia quase dois anos e tivessem planejado casar-se logo após a formatura, a insatisfação que agora lhes abalava a vida havia posto em dúvida esses planos para o futuro.

Uma vez no consultório, narraram sua história de maneira franca. Haviam-se conhecido três anos antes, no primeiro período da faculdade, aos dezoito anos. O romance foi evoluindo à medida que descobriam vários interesses em comum, e foi fácil iniciarem um relacionamento sexual completo. Nem David nem Lynn eram virgens

¹ Wardell Pomeroy, eminente sexólogo, gosta de iniciar suas conferências perguntando à plateia se conhece uma palavra que defina o que é relação sexual. Faz uma pausa acentuada e responde: "intercâmbio".

quando se conheceram, e foi intensa a atração física que sentiram um pelo outro. Sua primeira experiência sexual conjunta foi ardente e voluptuosa. À medida que amadurecia o relacionamento, a interação sexual era fonte de crescente prazer. Viver junto foi uma consequência natural desses sentimentos e vinha sendo divertido — até há bem pouco tempo.

Os problemas começaram quando, no Natal, visitaram os pais de Lynn em Boston. David ficou aborrecido porque não permitiram que Lynn e ele dormissem no mesmo quarto. Lynn ficou contrariada devido à aparente frieza de seus pais em relação a David. Sua única oportunidade de manterem relações sexuais (uma manhã de domingo, enquanto os pais de Lynn estavam na igreja) foi apressada e pareceu-lhes mecânica. Ambos ficaram aliviados por voltar à faculdade a tempo para uma grande festa de Ano-Novo dada por amigos.

A festa durou até as quatro da manhã, todos bebendo grande quantidade de champanha. Uma vez de volta ao apartamento, David e Lynn tentaram fazer amor, mas David não conseguiu ter ereção. Adormeceram rindo do problema, felizes por estarem "em casa".

Na manhã seguinte, David estava com uma tremenda ressaca. Tomou umas aspirinas, engoliu um rápido café-da-manhã e chamou Lynn para o quarto. O entusiasmo dela não era grande, pois também estava com um pouco de ressaca, mas não se opôs. Mais uma vez, David não conseguiu ter ereção. Embora Lynn agisse de modo muito compreensivo e encorajador, David passou o dia todo preocupado com seu desempenho sexual (ou ausência dele). Decidiu que precisava descansar e relaxar antes de tentar de novo, de modo que foi para a cama cedo naquela noite, sem fazer outras tentativas amorosas.

No dia seguinte, David acordou sentindo-se descansado e refeito e imediatamente voltou-se para abraçar Lynn.

Apesar de sentir-se bem, teve apenas uma ereção parcial que desapareceu quando tentou a penetração. Daquele momento em diante, David passou a ser atormentado pela dificuldade de ter ou manter uma ereção, e Lynn — apesar de tentativas iniciais de ajudá-lo — ficava cada vez mais aborrecida. Embora seu relacionamento *tivesse sido*, até então, descontraindo e satisfatório, agora eles estavam se tornando ríspidos e bruscos. Falavam em separar-se, mas acreditavam que ainda se amavam e que poderiam — com ajuda especializada — superar esse problema.

Esse exemplo da vida real, extraído de nossos arquivos, permite-nos apresentar as várias perspectivas da sexualidade que pretendemos examinar em maiores detalhes, mais adiante, neste livro. Examinando a situação de David e Lynn, podemos constatar a importância das diferentes dimensões da sexualidade que atuam conjuntamente sobre nossa vida.

A Dimensão Biológica

O problema de David com relação às ereções ocorreu primeiramente após ele ter bebido champanha demais. Isso não é de surpreender, já que o álcool é um agente depressor do sistema nervoso. Uma vez que as sensações físicas são transmitidas para o cérebro pelo sistema nervoso, que ativa nossos reflexos sexuais, o excesso de álcool pode inibir as reações sexuais *de qualquer um*.

A dimensão biológica da sexualidade, no entanto, é muito mais abrangente. Os fatores biológicos controlam amplamente o desenvolvimento sexual, desde a concepção até o nascimento, bem como nossa capacidade reprodutiva após a puberdade. O aspecto biológico da sexualidade também afeta nosso desejo e funcionamento sexuais e (indiretamente) nossa satisfação sexual. Acredita-se mesmo que as forças biológicas sejam responsáveis por algumas diferenças sexuais de comportamento como, por exemplo, a tendência dos homens de agirem de modo mais agressivo do que as mulheres. E a estimulação sexual, seja qual for sua fonte, produz efeitos biológicos específicos: o pulso acelera, os órgãos sexuais reagem e sensações de calor ou de arrepios espalham-se pelo corpo.

A Dimensão Psicossocial

David e Lynn reagiram à situação de maneiras diferentes. David ficou ansioso e preocupado com a complementação do ato sexual, perdendo a autoconfiança, enquanto Lynn, que a princípio era encorajadora e compreensiva, tornou-se irritada e distante. Evidentemente, a natureza do relacionamento mudou em resposta à tensão causada pelo problema sexual. David e Lynn começaram até mesmo a duvidar do amor que sentiam e da vontade de casar, embora durante a visita aos pais de Lynn estivessem convencidos de que esse plano fosse "certo" para eles.

Essas reações ilustram a dimensão psicossocial da sexualidade, que inclui fatores psicológicos (emoções, pensamentos e personalidade) combinados a elementos sociais (o modo como as pessoas interagem). No caso citado, a preocupação de David com seu primeiro "fracasso" sexual fez com que continuasse a ter dificuldades mesmo quando a "causa" biológica original — álcool em demasia — foi eliminada. Sua ansiedade levou-o a empenhar-se com exagero para completar o ato sexual, obtendo um resultado diametralmente oposto ao que ele e Lynn almejavam.

O aspecto psicossocial da sexualidade é importante não só porque esclarece vários distúrbios sexuais, mas também porque nos permite compreender a evolução sexual humana. Desde a infância, a *identidade sexual* do indivíduo (percepção individual de ser homem ou mulher) é moldada primordialmente por forças psicossociais. Nossas primeiras atitudes sexuais — que muitas vezes persistem até a idade adulta — baseiam-se principalmente naquilo que nossos pais, companheiros e professores nos dizem ou demonstram sobre os significados e finalidades do sexo. Nossa sexualidade é também social, na medida em que é regulada pela sociedade através de leis, tabus e pressões familiares e grupais que tentam persuadir-nos a obedecer a determinadas normas de comportamento sexual.

A Dimensão Comportamental

Conversando em separado com Lynn e David, descobrimos que o padrão de sua atividade sexual sofrera grande mudança durante os três meses em que conviveram com o seu problema. A frequência de suas tentativas de fazer amor declinou sensivelmente: no passado, havia chegado a quatro ou cinco vezes semanais. David passou a masturbar-se várias vezes por semana (o que não fazia havia muitos anos) após descobrir que desse modo era fácil conseguir uma ereção. Por outro lado, Lynn se masturbou apenas uma vez, já que essa atividade a fazia sentir-se culpada. Ao mesmo tempo, Lynn passou a relutar antes de tomar a iniciativa sexual ou até mesmo de comportar-se de maneira romântica com David, pois achava que assim poderia estar exercendo pressão ainda maior sobre ele.

Esses aspectos do problema de David e Lynn refletem a dimensão comportamental da sexualidade. O comportamento sexual é produto tanto de forças biológicas como psicossociais. No entanto, estudá-lo isoladamente pode ser muito esclarecedor. A perspectiva comportamental permite-nos não só verificar *o que* as pessoas fazem, mas também compreender melhor *como e por quê* o fazem. David, por exemplo, pode ter usado a masturbação para reforçar sua autoconfiança provando a si mesmo que ainda era capaz de ter ereções. O fato de Lynn ter-se retraído das iniciativas de intimidade física pode ter sido bem-intencionado, mas David pode tê-lo interpretado como rejeição.

Ao discutir esse assunto, é preciso que evitemos julgar o comportamento sexual de outras pessoas a partir de nossos próprios valores e experiências. Com demasiada frequência, as pessoas tendem a pensar em sexualidade em termos do que é "normal" ou "anor-

mal". É comum definir-se "normalidade" como aquilo que nós próprios fazemos e que não nos causa estranheza, enquanto o "anormal" é aquilo que os outros fazem e que nos parece diferente ou estranho. Tentar decidir o que é normal para os outros não só constitui tarefa ingrata, mas também, em geral, fadada ao fracasso, pois nossa objetividade é tolhida por nossos próprios valores e experiências.

A Dimensão Clínica

David e Lynn participaram de nosso programa de terapia sexual e resolveram suas dificuldades em duas semanas. Não só suas relações sexuais voltaram a ser a atividade prazerosa de antes, como ambos acharam que a experiência de terapia melhorou outros aspectos de seu relacionamento. Lynn comentou conosco: "Superar o problema sexual foi ótimo, mas também aprendemos muito sobre nós mesmos. Nossa comunicação melhorou mil por cento, e realmente sentimos que nosso relacionamento é sólido e podemos enfrentar qualquer problema que surja."

Embora o sexo seja uma função natural, muitos tipos de obstáculos podem diminuir o prazer ou a espontaneidade de nossas atividades sexuais. Problemas físicos como doenças, lesões ou o uso de drogas podem alterar nosso padrão de resposta sexual ou desequilibrá-lo totalmente. Sentimentos como ansiedade, culpa, vergonha ou depressão e conflitos em nossas relações interpessoais também são capazes de coibir nossa sexualidade. A perspectiva clínica da sexualidade examina as soluções para esses e outros problemas que impedem que se viva o aspecto saudável e satisfatório do sexo.

Nas duas últimas décadas, têm sido obtidos resultados muito superiores no tratamento dos mais variados problemas sexuais. Duas transformações críticas contribuíram para esse sucesso: uma compreensão maior da natureza multidimensional da sexualidade e o desenvolvimento de uma nova disciplina, denominada sexologia, que se dedica ao estudo da sexualidade. Médicos, psicólogos, enfermeiros, conselheiros e outros profissionais treinados em sexologia podem integrar esses conhecimentos à prática em aconselhamento ou terapia sexual, possibilitando que auxiliem uma grande porcentagem de seus pacientes.

A Dimensão Cultural

A vida de David e Lynn reflete os dados fornecidos pela cultura em que vivem, como acontece com todos nós. Por exemplo, os pais de Lynn recusaram-se a deixá-los dormir no mesmo quarto, mesmo sabendo que David e Lynn viviam juntos. Como mais um exemplo, o sentimento de culpa de Lynn em relação à masturbação devia-se principalmente à sua educação religiosa. E a ansiedade de David com suas dificuldades sexuais era, em parte, reação a uma idéia preponderante na América de que os homens devem atingir uma ereção instantânea desde o primeiro momento de uma relação sexual.

Nossas próprias atitudes culturais relativas à sexualidade estão longe de ser universais. Em algumas sociedades, o homem cumpre suas obrigações especiais para com um hóspede ou amigo convidando-o a ter relações sexuais com sua esposa. Ford e Beach (1951, p. 49) enumeraram oito grupos culturais que desconheciam o beijo, salientando: "Ao verem, pela primeira vez, europeus se beijando, os thonga riram, expressando a seguinte opinião: 'Olhem! Eles comem a saliva e a sujeira um do outro!'" Se, por um lado, essas diferenças culturais nos chocam ou divertem, podem também auxiliar-nos a compreender que nosso ponto de vista não é compartilhado pelos povos de todos os lugares.

Os temas sexuais são muitas vezes polêmicos e carregados de valores, mas essa controvérsia quase sempre varia em relação ao local, época e circunstâncias. O que é rotulado de "moral" ou "certo" varia de cultura para cultura, de século para século. Muitas das questões morais pertinentes ao sexo relacionam-se a determinadas tradições religiosas, mas a religião não é detentora da moralidade. Aqueles que não têm convicções religiosas fortes têm as mesmas probabilidades de adotarem posturas moralistas do que aqueles cujos valores são ligados a uma crença religiosa. *Não existe nenhum sistema religioso de valor sexual que seja certo para todos e nenhum código moral que seja inquestionavelmente correto e de aplicação universal.*

Na América do Norte, as mensagens sobre o comportamento sexual que prevaleciam na primeira metade desse século parecem estar-se transformando agora. Três dessas tendências são dignas de menção especial. A primeira é um abrandamento dos estereótipos ligados aos papéis sexuais. Os *papéis sexuais* são a expressão pública da identidade sexual — quer dizer, como o indivíduo afirma sua feminilidade ou masculinidade em ambientes sociais. Tradicionalmente, às meninas e mulheres era destinado o papel de criaturas sexualmente frias e passivas, enquanto os homens eram considerados viris agres-

sores sexuais. De acordo com essa visão, esperava-se que o homem tomasse a iniciativa sexual e fosse experiente, e condenava-se a mulher que fosse agressiva e que tivesse demasiado prazer sexual. Para muitas pessoas, essa noção foi agora substituída por um conceito de participação e prazer mútuos. A segunda tendência é o maior grau de abertura em relação à sexualidade. Todos os veículos de comunicação de massa, da televisão e do cinema até a imprensa, refletem essa mudança e, como resultado, o sexo tornou-se menos vergonhoso e perdeu um pouco de seu mistério. A terceira tendência é a crescente aceitação do sexo relacional e recreativo em oposição ao sexo voltado para a procriação. Essa mudança de atitude, particularmente clara nos últimos 20 anos, deve-se em parte ao aperfeiçoamento dos métodos anticoncepcionais e à preocupação com o excesso populacional. O surgimento de uma filosofia sexual positiva também liga-se intimamente à emancipação sexual das mulheres e a uma maior abertura social quanto ao sexo.

PERSPECTIVAS HISTÓRICAS DA SEXUALIDADE

Um grande obstáculo à compreensão de nossa própria sexualidade é a consciência de estarmos presos a antigas concepções sociais a respeito da sexualidade. (Bullough, 1976, p. XI)

Para compreender o presente, é interessante começar com um exame do passado. Em alguns aspectos, estamos presos a um legado sexual que atravessa gerações mas, em outros, as modernas atitudes em relação ao sexo e à sexualidade diferem drasticamente dos padrões antigos.

Embora a história escrita remonte a quase cinco mil anos, só dispomos de informações limitadas descrevendo os pontos de vista e os comportamentos sexuais nas várias sociedades anteriores ao ano 1000 a.C.. Está claro que já havia sido estabelecido um definido tabu contra o incesto e que a mulher era considerada um bem de valor sexual e reprodutivo. Os homens podiam ter várias parceiras sexuais, a prostituição era difundida e o sexo era aceito como um fato simples da vida.

Com o advento do judaísmo, emergiu uma curiosa fusão de posturas em relação ao sexo. Nos primeiros cinco livros do Antigo Testamento, a fonte primordial das leis judaicas, encontram-se leis sobre a conduta sexual: o adultério, por exemplo, é proibido nos Dez Man-

damentos (Êxodo, 20:14), e o homossexualismo é veementemente condenado (Levítico 18:22, 21:13). Ao mesmo tempo, o sexo é reconhecido como uma força de criação e prazer, como o descreve o Cântico dos Cânticos. O sexo não era considerado nem inerentemente mau nem limitado apenas aos objetivos da procriação.

Na Grécia antiga, porém, havia tolerância e até entusiasmo em relação a algumas formas de homossexualismo masculino. Eram corriqueiras as relações homossexuais entre um homem adulto e um rapaz adolescente que tivesse passado da puberdade, normalmente transcorrendo dentro de uma relação educacional em que o homem era responsável pelo desenvolvimento moral e intelectual do rapaz. Ao mesmo tempo, condenavam-se o homossexualismo exclusivo bem como os atos homossexuais entre homens adultos, e era contra a lei o contato homossexual entre adultos e meninos impúberes. Dava-se grande ênfase ao casamento e à família; no entanto, as mulheres eram cidadãs de segunda classe, se é que podiam ser consideradas cidadãs: "Em Atenas, os direitos políticos e legais da mulher eram tão escassos quanto os do escravo; durante toda sua vida, a mulher era sujeita à autoridade absoluta do homem que fosse seu parente mais próximo. . . . Como em toda parte, durante o primeiro milênio a.C. as mulheres eram consideradas bens móveis, mesmo que algumas delas tivessem suas opiniões próprias. Para os gregos, a mulher (qualquer que fosse sua idade ou estado civil) era *gynê*, cujo significado lingüístico é "a que gera filhos". (Tannahill, 1980, pp. 94-95)

Quando se desenvolveram as primeiras formas do cristianismo, houve uma mesclagem das atitudes gregas e judaicas quanto à sexualidade. Em contraste com o judaísmo, que não distinguia o amor físico do amor espiritual, a teologia cristã inspirou-se nos gregos e separou *eros*, ou "amor carnal", de *agápê*, "um amor espiritual, não-físico". O período helenístico na Grécia (que começa em 323 a.C.) distingue-se por uma negação dos prazeres mundanos em favor do desenvolvimento espiritual. Essa visão, juntamente com o retrato do iminente fim do mundo pintado pelo Novo Testamento, levou o cristianismo a atribuir um grande valor ao ideal do celibato, embora São Paulo concordasse que "bom seria o homem não tocar mulher alguma, . . . mas melhor é casar-se do que abrasar-se" (I Coríntios, 7:1-12).

No final do século IV d.C., embora houvesse pequenos grupos de cristãos cujos conceitos sobre a sexualidade fossem menos rígidos e repressores, as atitudes negativas da Igreja em relação ao sexo foram apresentadas de forma impressionante nas obras de Santo Agostinho, líder religioso cuja história incluía uma vívida e variada gama de experiências eróticas antes que renunciasse ao mundo. Agosti-

inho confessou categoricamente: "Enlameei o rio da amizade com a imundície da lascívia e obscureci suas águas claras com o negro rio infernal da luxúria" (*Confissões*, Livro III:i). Acreditava que o desejo sexual se originava da queda de Adão e Eva no Jardim do Éden e que esse pecado era transmitido aos filhos pela luxúria inerente que separa a humanidade de Deus. Deste modo, o sexo, sob todas as suas formas, era implacavelmente condenado, embora Agostinho e seus contemporâneos aparentemente considerassem o sexo conjugal procriativo menos pecaminoso do que os demais tipos.

Em outras partes do mundo, o conceito sexual divergia muito dos tipos já descritos. As atitudes sexuais islâmicas, hindus e orientais da antiguidade em especial, eram consideravelmente mais positivas. O historiador Vern Bullough afirma que "praticamente qualquer coisa, em termos de sexo, era aprovado por algum segmento da sociedade hindu" e que na China "o sexo não era algo a ser temido, nem era considerado como pecaminoso, mas, ao contrário, era uma forma de culto" e até mesmo um caminho para a imortalidade (Bullough, 1976, pp. 275 e 310). O *Kama Sutra*, compilado mais ou menos à mesma época em que Agostinho escreveu suas *Confissões*, constitui um detalhado manual indiano de sexo; na antiga China e Japão, abundavam manuais semelhantes que exaltavam o prazer e a variedade sexual. Esses padrões divergentes persistem, embora, daqui em diante, passemos a focalizar a história do sexo apenas no mundo ocidental.

As tradições cristãs iniciais relativas à sexualidade estabeleceram-se mais firmemente na Europa durante os séculos XII e XIII, à medida que a Igreja adquiria maior poder. Os princípios teológicos vieram muitas vezes a tornar-se sinônimos do direito consuetudinário, e havia uma atitude "oficial" geralmente opressora em relação ao sexo, exceto com o objetivo de procriação. Uma certa hipocrisia, no entanto, distanciava as políticas confessadas da Igreja de sua verdadeira prática: "Amiúde, as próprias casas religiosas eram antros de sexualidade." (Taylor, 1954, p. 19)

Nessa época, surgiu, entre as classes superiores, um novo estilo de vida que acarretou uma drástica separação entre os verdadeiros costumes e os ensinamentos religiosos. Esse estilo, denominado amor cortês, introduziu um novo código de comportamento aceitável em que as mulheres (pelo menos as de classe alta) eram elevadas a um plano imaculado, e o romantismo, o recato e a coragem eram celebrados em canções, em poemas e na literatura. O amor puro era considerado incompatível com as tentações da carne e, algumas vezes, esse conceito era testado por amantes que se deitavam juntos nus para verificar se eram capazes de provar a plenitude de seu amor

pela abstenção das relações sexuais. Não é preciso dizer que é improvável que o amor cortês fosse sempre aquele ideal romântico não-consumado, celebrado em prosa e verso.

Pouco depois do início da era do amor cortês, foram introduzidos os cintos de castidade. Esses aparelhos permitiam que os maridos trancassem suas esposas do mesmo modo que protegeriam seu dinheiro: enquanto os cintos podem ter sido criados para impedir o estupro, serviam também para guardar a "propriedade":

O cinto da época medieval era geralmente feito de uma estrutura metálica que se estendia entre as pernas da mulher, da frente para trás. Possuía dois pequenos orifícios rígidos para as funções de excreção, mas que eram eficazes no sentido de impedir a penetração e, uma vez que fosse trancado sobre os quadris da mulher, o marido ciumento podia levar a chave consigo. (Tannahill, 1980, p. 276)

Em seguida, o renascimento do humanismo e das artes que engolfou a Europa nos séculos XVI e XVII fez-se acompanhar por um abrandamento das restrições sexuais, bem como por um menor apego às fórmulas do amor cortês. A Reforma protestante, liderada por Martinho Lutero, João Calvino e outros, de modo geral advogava uma postura menos negativa em relação às questões sexuais do que as adotadas pela Igreja Católica. Por exemplo, embora não pudessem ser considerados como liberais os pontos de vista de Lutero quanto ao sexo, ele não o considerava inerentemente pecaminoso e não achava que a castidade e o celibato fossem sinais de virtude. Ao mesmo tempo, grassou na Europa uma terrível epidemia de sífilis — possivelmente importada das Américas — que pode ter desencadeado uma limitação da liberdade sexual.

Ao discutirmos os pontos de vista de uma era histórica, devemos levar em conta as variações entre os diversos países, níveis sociais e grupos religiosos. Embora possamos citar provas que demonstram uma tolerância bastante ampla da sexualidade na Inglaterra e na França do século XVIII, a ética puritana dominava a América do Norte colonial. Era condenado o sexo fora do matrimônio e exaltada a união familiar; aqueles que cediam às paixões do adultério ou do sexo pré-marital, se descobertos, eram açoitados, expostos no pelourinho ou no tronco, ou forçados a fazer confissão pública. O romance *A letra escarlate*, de Nathaniel Hawthorne, constitui um relato da época colonial notável, principalmente pelo tom atenuado de sua narrativa.

Na América do Norte, a ética puritana foi transportada para o século XIX com uma vertente original. À medida que se expandiam

as fronteiras americanas, e que as grandes cidades adquiriam um caráter mais cosmopolita, ocorria um relaxamento da noção de propriedade sexual, e a prostituição tornou-se corriqueira. A essa nova situação opuseram-se vários grupos formados nas décadas de 1820 e 1830, cuja missão principal era combater os males sociais da prostituição e recuperar as "mulheres perdidas" que exerciam esse mister. Apesar da resistência organizada oferecida por grupos como a Sociedade Americana para a Prevenção da Licenciosidade e do Vício e a Promoção da Moralidade e a Sociedade Americana em Proclamação da Observância do Sétimo Mandamento, a prostituição florescia. Durante um período de três anos, na década de 1840, o governo processou 351 bordéis só em Massachusetts e, às vésperas da Guerra de Secessão, um guia que enumerava os bordéis da moda nas cidades grandes descrevia 106 estabelecimentos em Nova Iorque, 57 na Filadélfia e dezenas de outros em Baltimore, Boston, Chicago e na cidade de Washington (Pivar, 1973).

Em meados do século XIX, ao iniciar-se a era vitoriana, o recato e o puritanismo ressurgiram mais uma vez na Europa, embora agora menos ligados a uma postura religiosa. O espírito vitoriano tendia para a repressão sexual e para um forte sentimento de decoro que se fazia necessário por causa da inocência e pureza atribuídas às mulheres e crianças. Taylor salienta: "tão delicada se tornou a suscetibilidade dos vitorianos, tão facilmente seus pensamentos se voltavam para assuntos sexuais que, por mais inocente que fosse uma atividade, seria proibida caso acendesse a imaginação. Tornou-se indelicado oferecer a uma dama uma *coxa* de galinha. . .", e o vestuário em moda, que não deixava à mostra sequer uma nesga de pescoço ou tornozelo, espelhava esse conservadorismo (Taylor, 1954, pp. 214-215). O pudor exagerado do período até hoje nos causa espanto: em algumas casas vitorianas, as "pernas" dos pianos eram encobertas com crinolinas, e livros cujos autores fossem de sexos opostos não eram guardados lado a lado nas prateleiras, a não ser que os escritores fossem casados um com o outro.

Na América do Norte, embora a influência do vitorianismo se fizesse sentir com intensidade, forças opostas impunham ao eixo predominante das considerações morais um estonteante movimento giratório. Em 1870, por exemplo, o Conselho da Cidade de St. Louis encontrou uma brecha na legislação estadual, que permitia que se legalizasse a prostituição, causando grande comoção em todo o país. Mais uma vez formaram-se grupos para combater a imoralidade sexual, os quais conseguiram encontrar aliados em outras organizações dedicadas à causa da temperança (extinção da venda de bebidas alcoólicas). Esse movimento alcançou diversas vitórias legislativas.

Em 1886, por exemplo, vinte e cinco estados estabeleceram dez anos como a maioridade (assim permitindo que florescesse a prostituição infantil), mas, em 1895, apenas cinco estados mantinham essa idade tão baixa, e oito estados haviam elevado a maioridade para dezoito anos.

Embora a mentalidade vitoriana predominante fosse anti-sexual — foi esta a primeira era a banir a pornografia por lei — há outro ângulo a examinar nessa época. Uma corrente sexual “clandestina” de obras e fotos pornográficas era amplamente consumida, tal como descreve Stephen Marcus num livro denominado *The Other Victorians*. A prostituição era comum na Europa e, na década de 1860, foi legalizada e regulamentada por um decreto do Parlamento Inglês. Mais ainda, o recato sexual vitoriano em comportamento e idéias não era igual em todas as classes sociais. As classes média e baixa não praticavam as mesmas dissimulações que a classe alta em relação ao sexo. De fato, era a pobreza abjeta das classes baixas que forçava muitas jovens a recorrerem à prostituição, e a classe média — a despeito do ideal vitoriano da mulher dócil e assexuada — não só tinha sentimentos e desejos sexuais, mas os realizava de modo muito semelhante ao das mulheres de hoje. As mulheres vitorianas praticavam (e desfrutavam) o sexo conjugal e, ocasionalmente, mantinham ardentes casos amorosos, como se pode verificar em numerosos diários que detalhavam a quantidade e a qualidade de seus orgasmos. De fato, uma pesquisa sobre a vida sexual das mulheres, realizada por Clelia Duel Mosher em 1892, veio à luz há pouco, fornecendo provas adicionais de que é incorreto encarar o período vitoriano como estritamente anti-sexual. Além disso, foi apresentado um ponto de vista interessante sobre a sexualidade feminina na época vitoriana:

Embora seja óbvio que muitos vitorianos sofressem de repressão sexual, fica patente, após uma observação mais acurada, que as mulheres que contribuíram para o conceito de pudor aproximavam-se mais das atuais feministas do que a maioria está disposta a admitir. . . . A mulher vitoriana procurava atingir alguma liberdade sexual através da negação de sua sexualidade. . . . esforçando-se para não ser considerada ou tratada como objeto sexual. Seu recato era uma máscara que, de modo conveniente, encobria seu “esforço” mais radical para atingir a liberdade como pessoa. (Haller e Haller, 1977, p. xii)

A ciência e a medicina refletem plenamente o anti-sexualismo do período. A masturbação era estigmatizada como fonte de danos para o cérebro e o sistema nervoso e causadora da loucura e de uma vasta gama de outras doenças. Acreditava-se que as mulheres tinham

FEIFFER



Copyright 1982 por Jules Feiffer. Reimpresso com permissão do Universal Press Syndicate. Todos os direitos reservados.

pouca ou nenhuma capacidade de resposta sexual e que eram inferiores ao homem tanto física como intelectualmente. Em 1878, o prestigioso *British Medical Journal* publicou uma série de cartas em que vários médicos apontavam evidências sustentando a idéia de que o toque de uma mulher menstruada podia estragar o presunto. Até mesmo um cientista da eminência de Charles Darwin, o pai da teoria da evolução, em sua obra *Descent of Man and Selection in Relation to Sex* (1871, A Descendência do Homem e Seleção em Relação ao Sexo) escreveu que “O homem é mais corajoso, belicoso e enérgico do que a mulher e tem maior capacidade inventiva”, e que “o poder mental médio do homem deve estar acima do da mulher.”

No final do século XIX, Richard von Krafft-Ebing, psiquiatra alemão, empreendeu uma classificação detalhada dos distúrbios sexuais. Foi profundo o impacto de sua obra *Psycopathia Sexualis* (1886), que teve doze edições e influenciou a opinião pública daí para a frente e a prática da medicina e do direito por mais de três quartos de século. Havia aspectos positivos e negativos nessa influência: por um lado, Krafft-Ebing favorecia cuidados médicos com maior compaixão pelas chamadas perversões sexuais e a reforma da legislação que tratava dos criminosos sexuais, enquanto, por outro lado, seu livro parecia agrupar sexo, crime e violência. Dedicava maior atenção a aspectos da sexualidade que são considerados anormais, tais como o sadomasoquismo (satisfação erótica que advém de infligir ou sofrer dor), o homossexualismo, o fetichismo (satisfação erótica por um objeto em vez de por uma pessoa), e a bestialidade (prática de

atos libidinosos com animais). Uma vez que freqüentemente citava exemplos lúgubres (crimes passionais, canibalismo e coito com cadáveres, para falar em apenas uns poucos) que apresentava nas mesmas páginas que variações sexuais menos assustadoras, muitos leitores terminavam com uma aversão genérica por quase todas as formas de conduta sexual. Não obstante, Krafft-Ebing é muitas vezes considerado o fundador da moderna sexologia.

Ao raiar o novo século, passou-se a investigar a sexualidade de maneira mais objetiva. Embora os pontos de vista vitorianos ainda prevalecessem em muitos círculos, a obra de cientistas sérios como Albert Moll, Magnus Hirschfeld, Iwan Bloch e Havelock Ellis combinou-se às dinâmicas teorias de Freud, dando início a uma extraordinária reviravolta das idéias em torno do sexo.

Sigmund Freud (1856-1939) foi um médico vienense que, com maior sucesso do que qualquer figura antes ou depois, demonstrou a importância fundamental da sexualidade para a existência humana. Hoje, a genialidade de Freud é reconhecida como, de uma parte, uma grande capacidade para descobertas originais e, de outra parte, um reflexo de sua habilidade de organizar idéias emergentes numa síntese teórica coerente e persuasiva. Freud acreditava que a sexualidade era ao mesmo tempo a força primária na motivação de todo o comportamento humano e a principal causa de todos os tipos de *neurose*, uma forma de desordem mental branda em que se destaca a ansiedade e a capacidade de enfrentar a vida cotidiana fica distorcida, embora seja mantida a percepção da realidade. Descreveu com clareza a existência da sexualidade em bebês e crianças, ampliando idéias expressas por outros sexólogos entre 1880 e 1905 e formulou uma detalhada teoria do desenvolvimento psicosssexual.

Freud elaborou vários conceitos inovadores relacionados à sexualidade. O mais conhecido deles, o *complexo de Édipo*, refere-se à atração sexual inevitável da criança de sexo masculino por sua mãe, acompanhada por uma mistura ambivalente de amor, ódio, medo e rivalidade em relação ao pai. Freud também acreditava que os meninos se preocupavam com a possível perda do pênis como uma terrível forma de punição (*ansiedade da castração*) e que as meninas tinham um sentimento de inadequação e ciúme por não ter um pênis (*inveja do pênis*). Freud imaginava que essas situações ocorriam primordialmente no nível inconsciente — um nível da personalidade mais profundo do que a consciência. A partir da rica tapeçaria teórica de seu pensamento, Freud elaborou um método clínico, denominado psicanálise, para avaliar e tratar os conflitos inconscientes que causam os problemas psicológicos. Embora muitos sexólogos modernos discordem das formulações de Freud, como discutiremos

nos capítulos seguintes, a psicanálise continua a ser um método de tratamento amplamente utilizado hoje.

Mais ou menos à mesma época, Havelock Ellis (1859-1939), médico inglês, publicava uma série de seis volumes denominada *Studies in the Psychology of Sex* (1897-1910). Ellis anteviu grande parte do que Freud viria mais tarde a escrever sobre a sexualidade infantil e, em certas áreas, suas idéias eram incrivelmente modernas. Reconheceu, por exemplo, a prática usual da masturbação em ambos os sexos em todas as idades, opôs-se à idéia vitoriana de que mulheres "direitas" não têm desejo sexual e enfatizou as causas psicológicas, em vez das causas físicas, de muitos problemas sexuais. Sua obra também focalizava a natureza variada do comportamento sexual humano e fornecia um importante fator de equilíbrio para as idéias de Krafft-Ebing, que considerava as variações sexuais como doenças.

Nem é preciso dizer que as idéias de Freud e Ellis foram inicialmente consideradas heréticas, e, no início do século, até mesmo a comunidade médica relutou em considerá-las sérias. No entanto, à medida que suas idéias cruzavam o Atlântico, começaram lentamente a causar algum impacto. Por coincidência, ou não, no final da I Guerra Mundial, as grandes transformações sociais que se processaram tanto na Europa como na América divergiam drasticamente das práticas vitorianas. Influenciada por crescente liberdade social e econômica para as mulheres e pela disponibilidade do automóvel, as atitudes sexuais tornaram-se cada vez menos inibidas na Era do Jazz, sendo acompanhadas por mudanças correspondentes na moda, na dança e na literatura. As mulheres envolveram-se profissionalmente na revolução sexual que estava em ebulição. Margaret Sanger foi uma das líderes do movimento em prol do controle da natalidade nos Estados Unidos. Katharine Davis efetuou um levantamento da vida sexual de 2.200 mulheres, publicado inicialmente como uma série de artigos científicos entre 1922 e 1927 e depois como livro. Uma inglesa, Marie Stopes, escreveu um manual conjugal explícito que vendeu bem em ambos os lados do Atlântico.² Já em 1926, quando o ginecologista Theodore van de Velde publicou *Ideal Marriage*, fornecendo detalhes específicos sobre as mais variadas técnicas sexuais e endossando práticas tais como o sexo orogenital, seu livro encabeçou a lista dos mais vendidos internacionalmente.

² É interessante observar que Stopes, que tinha feito doutorado e era exímia pesquisadora científica, foi, em grande parte, vítima do puritanismo vitoriano em relação ao sexo. Seis meses após seu casamento com outro cientista, o Dr. Reginald Ruggles Gates, "começou a sentir que faltava algo" e dirigiu-se ao Museu Britânico para tentar saber do que se tratava. Descobrimo que seu casamento não havia sido consumado, entrou com um bem-sucedido pedido de divórcio e mais tarde empreendeu a tarefa de escrever seu livro para evitar que outros passassem por esse tipo de problema (Harrison, 1977).

Os Loucos Anos 20 terminaram abruptamente em 1929, com a queda da bolsa de Nova Iorque. Durante a Grande Depressão que se seguiu, as preocupações com o sustento, o abrigo e a sobrevivência aparentemente sobrepujaram as inquietações quanto ao sexo. Na década de 1940, o mundo logo se viu novamente em conflito, e o pós-guerra trouxe fama instantânea a outro sexólogo que viria a deixar sua marca indelével na história da ciência.

Alfred C. Kinsey (1894-1956), zoólogo da Universidade de Indiana, foi convidado a participar, como professor, de um curso optativo na faculdade, no verão de 1938. Impressionado com a falta de dados científicos sobre o comportamento sexual humano, aproveitou essa oportunidade para distribuir questionários a alguns de seus alunos com o objetivo de colher informações sobre suas histórias sexuais. Logo após, Kinsey decidiu que entrevistas pessoais seriam uma técnica mais viável para levantar esse tipo de informação, uma vez que proporcionariam maior flexibilidade e detalhes, e envolveu-se em um empreendimento que teve como resultado entrevistas com milhares de homens e mulheres de um lado a outro do país. Com a participação de Wardell Pomeroy e Clyde Martin, seus co-autores e colaboradores, Kinsey publicou sua monumental obra *Sexual Behavior in the Human Male*, em 5 de janeiro de 1948. Cinco anos mais tarde, com Paul Gebhard, publicou o volume complementar, *Sexual Behavior in the Human Female*.

Os relatórios de Kinsey baseavam-se em extensas entrevistas pessoais com 12.000 indivíduos de todos os segmentos da população, sendo suas constatações muitas vezes espantosas. Por exemplo, 37% dos homens americanos relataram que, após a puberdade, tiveram pelo menos uma experiência homossexual que conduziu ao orgasmo; 40% dos maridos haviam sido infiéis a suas esposas e 62% das mulheres estudadas haviam experimentado a masturbação.

A publicação de *Sexual Behavior in the Human Male* instantaneamente atraiu os olhos do público para a pesquisa de Kinsey. Em meados de março mais de 100.000 exemplares já haviam sido vendidos, e o livro permaneceu na lista dos mais vendidos durante 27 semanas.

Embora Kinsey e seus colegas tentassem descrever o comportamento sexual das pessoas sem empregar julgamentos de valor morais ou médicos, sua obra foi duramente criticada em termos metodológicos e morais. A prestigiada revista *Life* chamou-a "uma agressão à família como a unidade básica da sociedade, uma negação das leis morais, e uma celebração da licenciosidade". Margaret Mead criticou Kinsey por lidar com o sexo "como um ato impessoal, sem significado" (*New York Times*, 31 de março de 1948), acu-

sação endossada por muitos críticos, inclusive um professor da Universidade de Columbia que declarou que "deveria haver uma lei proibindo a realização de pesquisas que tratem exclusivamente de sexo" (*New York Times*, 1º de abril de 1948). No entanto, o relatório Kinsey foi também elogiado por "ter feito pelo sexo o que Colombo fez pela geografia".

Tudo somado, foi bastante positiva a recepção ao primeiro volume de Kinsey, o que não se pode dizer quanto a seu segundo livro, *Sexual Behavior in the Human Female* (1953). Muitos jornais condenaram esse relatório em seus editoriais e se recusaram a dar-lhe cobertura em suas colunas de notícias. O *Times* de New Philadelphia, Ohio, justificou sua decisão dizendo: "Acreditamos que seria ofensivo para uma grande parte de nossos leitores" (20 de agosto de 1953). Líderes religiosos e educadores consideravam as descobertas de Kinsey amorais, contrárias à família e até contaminadas pelo comunismo.

Kinsey morreu em 1956, amargo e desiludido, mas o impacto de suas enérgicas investigações se tornaria vigorosamente claro nos anos subsequentes. Além do legado cultural e científico que deixou, formou com seus colegas o Instituto de Pesquisas Sexuais na Universidade de Indiana, que continua a ser o de maior importância sob a direção de June Reinisch.

Como resultado dos estudos de Kinsey, uma era foi marcada por grande confusão na área sexual. O sexo pré-marital tornou-se mais corriqueiro do que antes, embora pareça ter-se restringido principalmente a casais de noivos. Descrições populares do sexo começaram a aparecer em livros (tais como o então forte *Peyton Place*) e filmes (na maioria importados do exterior), e até mesmo a música popular começou a incluir temas sexuais. Em meados da década de 1950, o Professor Pitirim Sorokin, de Harvard, horrorizado pelo que via e ouvia, observou friamente que a "sexualização" da música tornava-a "nua, sedutora... luxuriosa e perversa", com cantores cujo "balido é sublinhado por seus volteios, contorções e ritmos corporais que são demasiado explícitos em suas insinuações sexuais e intentos indisfarçados. (Note bem, por favor, que o Professor Sorokin teceu seus comentários críticos antes mesmo que Elvis Presley atingisse fama nacional. Gostaríamos de saber o que ele diria hoje vendo — e ouvindo — Prince, Boy George e Madonna.)

Ao mesmo tempo, a década da 1950 foi uma era em que se esperava que as mulheres fossem criaturas glamourosas, mas desmioladas — algo como o retrato pintado por Marilyn Monroe em seus filmes — cujas ambições primordiais eram o casamento e a maternidade. O *Harper's Magazine* (janeiro de 1950) comentou: "Se uma

moça americana usar óculos simples, sem enfeites, em vez de óculos de cores berrantes e formato extravagante, será o mesmo que estar morta, pois estará inteiramente fora de moda." E a revista *See* (janeiro de 1950) solenemente aconselhava a seus leitores: "É válido que uma moça use enchimento no sutiã e não fale sobre isso com seu noivo antes do casamento."

Albert Ellis (1959, p. 227) assim resumiu sucintamente a moral dominante da época: "A lei fundamental subjacente a todas as nossas atitudes em relação ao sexo, amor e casamento pode ser formulada com absoluta e estarrecedora clareza em duas afirmações simples: (a) se é DIVERTIDO, você não deve fazê-lo; (b) se é DEVER, você tem de fazê-lo."

No início da década de 1960, vários fatores influenciaram o início de uma revolução sexual mais perceptível do que qualquer outra já vista nos Estados Unidos. Uma série de circunstâncias contribuíram para essa revolução: (1) a disponibilidade da pílula anticoncepcional; (2) o movimento de protesto entre adolescentes e jovens adultos; (3) o ressurgimento do feminismo em sua forma moderna; e (4) maior abertura nas discussões e demonstrações sexuais. Embora não seja possível julgar historicamente de modo decisivo a importância relativa de cada um desses fatores como combustível para a revolução sexual, parece ser claro que cada um exerceu sua dose de influência.

A pílula tornou o sexo pré-marital muito mais seguro e permitiu que milhões pensassem no sexo como uma atividade relacional ou recreativa e não só voltada à procriação, como já observamos. De fato, a disponibilidade da pílula propiciou a muitas mulheres um sentimento de liberdade e é provável que tenha contribuído mais do que geralmente se imagina para modificar o comportamento sexual. O movimento de protesto entre os jovens, que começou com o movimento dos direitos civis e se expandiu com a crescente desilusão com a guerra do Vietnã, levou adolescentes e jovens adultos a questionarem a geração de seus pais ("o sistema") de todas as formas possíveis. Seu desafio ficava patente não só na roupa, cabelos compridos e música da jovem geração, como também em seu uso recreacional das drogas e seu apoio à liberdade sexual ("Faça amor, não faça a guerra").

Conscientizados, em muitos níveis, quanto a injustiças políticas e sociais, os jovens adultos da década de 1960 também abraçaram com entusiasmo o movimento feminista. Uma vez que a pílula havia permitido às mulheres um novo grau de controle sobre seu destino sexual, não é de surpreender que a sexualidade feminina fosse cada vez mais aceita como um fato natural da vida.

Na sociedade como um todo, foram ambivalentes as reações iniciais à revolução sexual. Enquanto alguns tentaram entusiasticamente participar do movimento, muitos outros pareciam encarar-lo como uma fase passageira que tenderia a desaparecer. É provavelmente seguro afirmar que uma parcela considerável da população assistiu a essa transformação social com grande desgosto e alarme, temendo que a estrutura moral da sociedade americana se desintegrasse diante de seus olhos. No entanto, comentou-se, mostrou-se e estudou-se ainda mais a sexualidade, e os anos sessenta assistiram ao advento de bares com garçonetes "topless", nudez em espetáculos da Broadway (primeiramente em *Hair*, mais tarde em *Ob! Calcutta!*) e à publicação de um estudo revolucionário sobre a função sexual humana.

Kinsey e seus colaboradores haviam investigado a natureza da sexualidade humana através de entrevistas que visavam a descobrir como, quando e com que frequência as pessoas se comportavam sexualmente. Desde então as pesquisas sobre o sexo têm-se expandido em várias direções, numa tentativa de responder a questões que não foram resolvidas anteriormente. Entre os primeiros e mais significativos desvios dos métodos de Kinsey estão os empregados por William H. Masters e Virginia E. Johnson, ele médico e ela cientista do comportamento na Escola de Medicina da Universidade de Washington.

Masters e Johnson acreditavam que, para entender as complexidades da sexualidade humana, é preciso conhecer a anatomia e a fisiologia sexual, bem como possuir dados psicológicos e sociológicos. Insatisfeitos com a relevância para os seres humanos de informações colhidas em estudos das reações sexuais de animais, Masters e Johnson decidiram que somente uma abordagem direta do problema seria esclarecedora. Com uma pesquisa de laboratório, começaram, em 1954, a observar e registrar os detalhes físicos da excitação sexual humana. Em 1965, mais de 10.000 casos de atividade sexual por 382 mulheres e 312 homens haviam sido observados e o relatório que se seguiu, *Human Sexual Response* (Masters e Johnson, 1966), logo atraiu a atenção do público. Embora alguns profissionais da área de saúde logo compreendessem a importância dessas descobertas, outros ficaram chocados com os métodos empregados. Em meio a acusações de "uma abordagem demasiado mecânica" e gritos de ultraje moral, relativamente poucas pessoas reconheceram que as informações fisiológicas não constituíam uma meta em si, mas, ao contrário, eram uma base sobre a qual se poderia construir um método de tratamento para pessoas com problemas sexuais.

Nos anos 70 e 80, logo ficou evidente a nova abertura em relação à sexualidade. Em 1970, Masters e Johnson publicaram *Human Se-*

xual Inadequacy, obra que se tornou um marco, descrevendo uma nova e surpreendente abordagem ao tratamento dos problemas sexuais que anteriormente era muito longo sem, no entanto, atingir elevados níveis de sucesso. Com um programa de duas semanas de tratamento e uma taxa de insucesso de apenas 20%, esse trabalho logo deu lugar ao surgimento de um profissional totalmente novo — o terapeuta sexual — favorecendo a proliferação de milhares de clínicas de tratamento sexual de um lado a outro do país, antes do final da década, e o desenvolvimento de outras abordagens terapêuticas por médicos como Helen Kaplan e Jack Annon.

Outras obras menos técnicas sobre o sexo foram publicadas às dúzias, com *Joy of Sex* (1972) de Alex Comfort provavelmente sendo o mais completo e sem dúvida o mais bem-sucedido (vendendo 9 milhões de exemplares). A televisão também tornou-se uma força notável na revolução sexual, à medida que vários programas passaram a abordar temas sexuais que eram até então considerados tabu. Para não ficarem para trás, os filmes se tornaram mais explícitos sexualmente e, nos primeiros dias do mercado de vídeos domésticos, os filmes pornográficos formavam a categoria dos mais vendáveis.

Várias outras tendências verificaram-se nesse período, afetando a maneira como os americanos encaravam a sexualidade: (1) a prática da coabitação não-marital — viver junto — começou a assumir crescente importância como um estágio precedente ao casamento; (2) a legalização do aborto pelo Supremo Tribunal Americano, em 1973, tornou possível realizar abortos seguros, mas também provocou grande controvérsia em torno do aspecto moral dessa prática; (3) a decisão, em 1974, da Associação Psiquiátrica Americana, de retirar o homossexualismo do rol das doenças mentais armou o cenário para avanços a serem conquistados pelo movimento dos direitos dos homossexuais; (4) uma crescente consciência da importância de todas as formas de vitimização sexual — em parte uma consequência do movimento feminista e, em parte, resultado do trabalho de cientistas e estudiosos que provaram conclusivamente que o estupro é um crime de violência e não um crime de paixão — conduziu a radicais modificações legais que visavam a modernizar os processos para o julgamento de casos de estupro, bem como a um rápido crescimento dos centros de apoio a vítimas de estupro em todo o país; (5) o aparecimento de novas técnicas reprodutivas, abrangendo o nascimento do primeiro “bebê de proveta” do mundo em 1978 (com mais de 1.000 bebês atualmente vivos concebidos por meios semelhantes), que agora evoluíram até técnicas ainda mais impressionantes, tais como métodos de transferência de embriões e a controversa prática da “mãe de aluguel”.

O final da década de 1970 e o início da de 1980 foram também momentos de recuo diante daquilo que alguns percebiam como práticas sexuais demasiado permissivas ou até mesmo imorais. A Maioria Moral americana tentou impedir a educação sexual nas escolas e fez campanha contra o comportamento sexual “promíscuo”, o que, aparentemente, inclui qualquer coisa que não seja o sexo conjugal. O movimento “Direito à Vida” contestou a legalidade do aborto e, embora sem sucesso, tentou fazer aprovar uma emenda constitucional que teria proibido o aborto em qualquer circunstância. Em 1983, o governo Reagan tentou pôr em vigor uma política que exigia que fossem notificados os pais de adolescentes que solicitassem anticoncepcionais; a proposta ficou conhecida, por zombaria, como a “Lei do Dedo-Duro”, e felizmente nunca saiu do papel.

Particularmente alarmante para alguns foi o aparecimento, no final da década de 70 e início da de 80, de epidemias aparentemente novas de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs): herpes genital, primordialmente entre heterossexuais, e AÍDS (síndrome da imunodeficiência adquirida) e, uma vez que pareciam estar inquestionavelmente relacionadas ao comportamento sexual promíscuo, alguns observadores aventaram a hipótese de que fossem uma forma de punição divina pelas transgressões sexuais.

Não podemos saber, é claro, se as mudanças e tendências que hoje consideramos significativas terão um impacto duradouro sobre nosso comportamento sexual com o passar do tempo. Nem podemos ter certeza de que, daqui a um século, os historiadores não venham a definir nossa época com uma só palavra (como “vitoriana”, por exemplo) e reduzam as várias complexidades de nossas atitudes sexuais a uma só idéia. A única coisa de que podemos ter certeza é que nossa opinião e nosso comportamento continuarão a mudar — em que direção serão efetuadas essas mudanças, porém, é impossível prever com certeza.